

John Berger

UM MOMENTO EM

RAMALÁ

Certas árvores — especialmente as amoreiras e nespereiras — ainda contam a história de como, há muito tempo e em outra vida, antes do *nakba*, Ramalá era para os mais ricos uma cidade de lazer e descontração, um lugar para onde se podia fugir da vizinha Jerusalém no calor do verão, um balneário. O termo *nakba* refere-se à “catástrofe” de 1948, quando dez mil palestinos foram mortos e 700 mil forçados a deixar seu país.



Há muito tempo, jovens recém-casados plantavam rosas nos jardins de Ramalá para dar sorte em sua vida futura. O solo aluvial era bom para as rosas.

Atualmente não existe uma só parede no centro de Ramalá — hoje capital da Autoridade Palestina — que não esteja coberta de fotografias dos mortos, tiradas quando estavam vivos, e agora reimpressas sob a forma de pequenos cartazes. São os mártires da Segunda Intifada, que começou em setembro de 2000. Estão incluídas as fotos de todos os que foram mortos pelo Exército e pelos colonos israelenses e, ainda, dos que decidiram sacrificar-se em contra-ataques suicidas. Seus rostos transformam as paredes descontraídas das ruas em algo tão íntimo como uma carteira com papéis e fotos particulares. A carteira tem um bolsinho para o cartão magnético de identidade emitido pelo serviço de segurança israelense, sem o qual nenhum palestino pode viajar sequer alguns poucos quilômetros, e outro bolso para a eternidade. As paredes ao redor dos cartazes estão cheias de cicatrizes de balas e granadas.

Há uma velha, que poderia ser uma avó, em várias carteiras. Há rapazes que chegavam à adolescência, há muitos pais. Ouvir as histórias de como encontraram a morte faz-me lembrar o que é a pobreza. A pobreza força às decisões mais duras, que não conduzem a quase nada. Pobreza é viver com esse “quase”.

Grande parte dos meninos cujos rostos estão nas paredes nasceu nos campos de refugiados, tão pobres quanto favelas. Deixaram a escola mais cedo a fim de ganhar dinheiro para o sustento da família, ou para ajudar o pai no trabalho, quando havia trabalho. Alguns sonhavam em ser fantásticos jogadores de futebol. Outros faziam pequenas catapultas de madeira, corda enrolada e couro retorcido para lançar pedras contra o exército de ocupação. Qualquer comparação entre as armas envolvidas nesses confrontos nos leva de volta ao que é a pobreza. De um lado, helicópteros Apache e Cobra, caças F-16, tanques, jipes Humvee, sistemas de vigilância eletrônicos, gás lacrimogêneo; do outro lado, pequenas catapultas, disparos de bodecos, telefones celulares, mal usados rifles Kalashnikov e, principalmente, explosivos de fabricação caseira. O tamanho do contraste revela algo que sinto entre esses muros atingidos pela dor, mas que não consigo nomear com palavra. Se eu fosse um soldado israelense, por mais bem armado que estivesse, poderia acabar assustado com essa sensação inexprimível. Talvez seja o que o profeta Mourid Barghouti observou: “Os vivos envelhecem, mas os mártires rejuvenescem”.

Três histórias dos muros

Husni al-Nayjar, 14 anos. Trabalhava com seu pai, soldador de profissão. Enquanto atirava pedras, levou um tiro fatal na cabeça. Em sua fotografia, ele olha calma e decididamente para uma meia distância.

Abdelhamid Kharti, 34 anos. Pintor e escritor. Quando jovem, recebeu treinamento como enfermeiro. Alistou-se como voluntário numa unidade médica de emergência que resgatava feridos e cuidava deles. Seu cadáver foi encontrado próximo a um posto de controle da fronteira, após uma noite em que não houvera confrontos. Seus dedos estavam decepados. Um polegar pendia solto. Um braço, uma mão e seu maxilar estavam fraturados. Havia vinte balas no seu corpo.

Muhammad al-Durna, 12 anos, morava no acampamento de Breij. Voltava para casa com o pai e, ao atravessarem o posto de controle Netzarín, em Gaza, receberam ordens para sair do carro. Soldados já estavam atirando. Os dois se protegeram imediatamente atrás de um muro de cimento. O pai acenou para dizer que estavam ali e levou um tiro na mão. Pouco depois, Muhammad levou um tiro no pé. O pai passou a proteger o filho com seu próprio corpo. Mais balas atingiram a ambos e o menino foi morto. Os médicos retiraram oito balas do corpo do pai. Ficou paraplégico em consequência dos ferimentos e incapacitado para o trabalho. Aconteceu que o incidente foi filmado e, por isso, a história é contada e recontada no mundo inteiro.

Quero fazer um desenho para Abdelhamid Kharti. Bem cedo, de manhã, vou até a vila de Ain Kinya. Atrás dela há um acampamento beduíno, perto de um *wadi*. O sol ainda não está quente. As cabras e ovelhas estão como que pastando entre as tendas. Escolhi desenhar as montanhas que dão para o leste. Sento-me numa pedra próxima a uma pequena barraca enegrecida. Tenho apenas um bloco e esta caneta. Há uma caneca descartável de plástico no chão e ela me dá a idéia de pegar um pouco da água que pinga da fonte para misturar com minhas tintas, quando for preciso.

Depois de desenhar por algum tempo, um rapaz (é claro que todas as pessoas invisíveis no acampamento já tinham notado minha presença) se aproxima, abre a tenda da barraca atrás de mim, entra nela, sai segurando um banquinho muito usado de plástico branco que, ele sugere, pode ser mais confortável do que a pedra. Imaginei que, antes que ele o encontrasse, teria sido deixado na rua por alguma lanchonete ou sorveteria. Agradei-lhe.

Sentado nesse banquinho de loja, no acampamento beduíno, à medida que o sol esquenta e as rãs no leito quase seco do córrego começam a coaxar, continuo a desenhar. No alto do morro, alguns quilômetros à esquerda, há um assentamento israelense. Parece militar, como se fizesse parte de uma arma, projetado para manuseio rápido. Mas é pequeno e está longe. A montanha de calcário à minha frente tem o formato de uma gigantesca cabeça de animal adormecido e as pedras espalhadas sobre ela parecem carrapichos em seu pêlo emaranhado. Subitamente, frustrado pela falta de pigmento, joga água da caneca na poeira a meus pés, mergulho o dedo na lama e esparramo cor no desenho da cabeça do animal. Agora o sol está quente. Uma mula zurra. Viro a página do meu bloco para começar outro e mais outro. Nada parece terminado. Quando o rapaz aparece de volta, quer ver meus desenhos.

Ergo o bloco aberto. Ele sorri. Viro a página. Ele aponta: “Nossa”, ele diz, “nossa poeira!”. Está apontando para o meu dedo, não para o desenho.

E então os dois olhamos para a montanha.

Estou em meio não de conquistados, mas de derrotados que os vitoriosos temem. O tempo dos vitoriosos é sempre curto e o dos derrotados, inexplicavelmente longo. O espaço deles é também diferente. Tudo, nesta terra limitada, é uma questão de espaço, e os vitoriosos entenderam isso. A força repressiva que mantêm é, antes de mais nada, espacial. É aplicada de forma ilegal e em desafio à lei internacional, através dos postos de controle da fronteira, da destruição de antigas estradas, através de novas passagens estritamente reservadas aos colonos israelenses, através de assentamentos que são fortalezas no alto das montanhas e são, na verdade, postos de vigilância e controle para o planalto ao redor, através do toque de recolher que obriga as pessoas a permanecerem noite e dia dentro de casa até que ele seja suspenso. Durante a invasão de Ramalá no ano passado, o toque de recolher durou seis semanas, com uma “suspensão” de poucas horas, em certos dias, para compras. Não havia sequer tempo suficiente para enterrar os que morriam em suas camas.

O arquiteto israelense dissidente Eyal Weizman mostrou, num corajoso estudo, que a total dominação terrestre começa nos desenhos de distritos feitos por planejadores e arquitetos (ver www.opendemocracynet). Nesses desenhos nem um grão da “nossa poeira” deve ser visto. A violência começa muito antes da chegada dos tanques e jipes. Ele fala duma “política da verticalidade”, onde os derrotados, mesmo “em casa”, se vêem supervisionados e minados. O efeito disso na vida cotidiana é inexorável. Tão logo alguém, pela manhã, diz para si: “Vou sair e encontrar...”, tem de parar e calcular quantas travessias de barreira de controle essa saída vai custar. A mais simples decisão cotidiana é capenga – a perna da frente é cabresto da de trás.

Além do mais, como as barreiras mudam dum dia para o outro, a experiência temporal é também capenga. Ninguém sabe quanto tempo vai levar para chegar ao trabalho pela manhã, para ir ver a mãe, ir à aula, consultar um médico; e, terminada a tarefa, quanto tempo se leva para voltar a casa. Em qualquer dos sentidos, a viagem pode levar trinta minutos ou quatro horas, o caminho pode também estar completamente bloqueado por soldados com as submetralhadoras carregadas.

O governo israelense afirma que é obrigado a tomar tais medidas para combater o terrorismo. A declaração é falsa. A verdadeira intenção da força repressiva é a de destruir a noção de continuidade espacial e temporal da população nativa, para que deixem o país ou se tornem empregados submissos. É aí que os mortos ajudam os vivos a resistir. É aí que homens e mulheres tomam a decisão de se tornarem mártires. A força repressiva inspira o terrorismo que diz combater.

Uma pequena estrada de pedras, contornando rochas, descendo para o vale ao sul de Ramalá. Às vezes ela passa por entre plantações de oliveira, um número delas talvez date da época dos romanos. Esse caminho de pedras (qualquer carro sairia dali aos frangalhos) é o único meio de acesso dos palestinos ao vilarejo deles, ao lado. A estrada original de asfalto, hoje proibida a eles, fica reservada aos israelenses nas suas colônias. Passo na frente porque sempre achei cansativo caminhar devagar. Vejo uma flor vermelha entre os arbustos e paro para colhê-la. Depois fico sabendo que se chama *Adonis aestivalis*. Sua cor vermelha é muito intensa e sua vida, informa o livro de botânica, breve.

Baha grita me avisando para não ir na direção da montanha à minha esquerda. Quando vêem alguém que se aproxima, me avisa, eles atiram. Tento calcular a distância: menos de um quilômetro. A uns 200 metros na direção que ele não me recomendou, observo uma mula amarrada a um cavalo. Considero-os garantia de segurança e caminho até lá. Quando chego, dois meninos — com idade aproximada de oito e onze anos — estão trabalhando sozinhos no campo. O mais novo está enchendo regadores com água tirada dum barril enterrado no chão. O cuidado que dedica à tarefa — não desperdiça sequer uma gota — mostra como a água é preciosa. O mais velho pega o regador cheio e desce cautelosamente até um canteiro onde está aguardando as plantas. Os dois estão descalços.

O menino que está aguardando as plantas acena para mim e mostra com orgulho as fileiras com centenas de plantas. Algumas eu reconheço: tomates, berinjelas e pepinos. Devem ter sido plantados na semana anterior. Ainda estão tenras e em busca de água. Não reconheço uma das plantas e ele logo percebe: “Grande luz”, ele diz. “Melão?” “*Shumaam!*” Rimos. Nós dois — sabe-se lá por que cargas d’água — estamos vivendo o mesmo momento. Ele me leva através das fileiras para me mostrar o quanto já tinha regado. Em dado momento, paramos e olhamos o assentamento com suas paredes de defesa e telhados vermelhos. Ao apontar com o queixo naquela direção, há um ar de desprezo em seu gesto. Desprezo que ele quer compartilhar comigo, como seu orgulho em aguar as plantas. Desprezo que se transforma em sorriso — como se os dois tivéssemos concordado em mijar no mesmo momento e no mesmo lugar.

Em seguida, caminhamos de volta em direção ao caminho pedregoso. Ele colhe um pouco de hortelã e me entrega o molho. O frescor penetrante é como um gole de água gelada, de água mais fria do que a do regador. Caminhamos em direção ao cavalo e à mula. O cavalo sem sela tem focinheira e rédeas, mas sem freio ou bocal. Quer me mostrar algo mais impressionante do que a mijada imaginária. Pula no cavalo enquanto seu irmão acalma a mula, e quase imediatamente sai galopando o animal em pêlo pela estrada de onde eu vim. O cavalo tem seis patas — suas próprias patas e as duas do cavaleiro — e as mãos do menino controlam todas as seis. Ele cavalga com a experiência de várias gerações. Quando retorna, está sorrindo e, pela primeira vez, parece tímido.

Reencontro Baha e os outros, que estão a um quilômetro de distância. Conversam com um homem, que vem a ser o tio do menino, que também está aguardando plantas recém-plantadas. O sol está se pondo e a luz muda. A terra marrom amarelada, mais escura onde foi aguada, é agora a cor primária do cenário. Ele usa o resto da água que está no fundo de um galão plástico azul escuro de 500 litros. Na superfície do galão há onze remendos — semelhantes aos que são usados para remendar câmaras de ar, porém maiores — habilmente colados. Ele explica que foi assim que conseguiu consertar o galão depois que uma gangue do assentamento de Halamish, o de telhados vermelhos, apareceu uma noite em que eles estavam cheios de água de chuva da primavera e fizeram furos com fâcas. Outro galão, jogado logo abaixo, não teve conserto. Um pouco mais longe fica o toco retorcido duma oliveira que, a julgar pelo diâmetro, devia ter centenas ou um milhar de anos. Há algumas noites, diz o tio, cortaram o pé de oliveira com uma moto-serra.

Uma vez mais cito a Mourid Barghouti: “Para o palestino, azeite de oliva é a dádiva do viajante, o conforto da noiva, a recompensa do outono, o orgulho da despensa e a riqueza da família através dos séculos”.

Mais tarde encontro um poema de Zakaria Mohammed, intitulado “O Freio”. Fala de um cavalo negro sem freio, com sangue escorrendo de seus lábios. Junto ao cavalo de Zakaria há também um menino assustado com o sangue:

O que masca o cavalo negro?
Ele pergunta,
O que ele está mascando?
O cavalo negro
Está mordendo
Um bocal forjado de aço
Um bocal de memória
Que vai ser mordido
Mordido até a morte.

Se o menino que me deu o molho de hortelã fosse sete anos mais velho, não seria difícil imaginar porque ele iria alistar-se no Hamas, disposto a sacrificar sua vida.

O peso das placas de concreto esmagadas e do entulho do complexo de Arafat destruídos no centro de Ramalá assumiu uma qualidade simbólica. Não, porém, da forma como os comandantes israelenses imaginavam. Esmagar Muqata com Arafat e seus companheiros lá dentro foi para eles uma demonstração pública de sua humilhação, como nos apartamentos particulares que o exército sistematicamente invadiu e revistou, o *catchup* espalhado nas roupas, móveis e paredes, um aviso particular do que estava para vir.

Arafat ainda representa os Palestinos de maneira mais fidedigna talvez do que qualquer líder mundial representa seu povo. Não democraticamente, mas tragicamente. Por isso a gravidade do concreto esmagado e do entulho. Devido aos muitos erros da OLP sob sua liderança e aos equívocos dos Estados Árabes vizinhos, ele ficou sem espaço para manobra política. Deixou de ser um líder político. Mas permanece ali de forma desafiadora. Ninguém acredita nele. Mas muitos dariam sua vida por ele. Como? Já não mais um político, Arafat e o entulho de Muqata tornaram-se um marco, um símbolo da pátria.

A luz desce do céu de maneira estranhamente regular, sem distinguir o que está próximo e o que está distante. A diferença entre o perto e o longe é uma questão de escala, nunca de cor, textura e precisão. Isto afeta a maneira como você se coloca, afeta a sua noção de estar presente ali. A terra se organiza ao seu redor, em vez de confrontar você. Ao contrário do Arizona. Ao invés de atrair, recomenda que você nunca parta.

E aqui estou eu, involuntariamente vivendo um sonho que alguns de meus ancestrais na Polônia, na Galícia e no Império Austro-Húngaro devem ter acalentado e comentado, no mínimo durante dois séculos, talvez mais. Aqui me vejo defendendo a justiça da causa Palestina contra pessoas que podem ser meus primos e, de qualquer modo, contra o Estado de Israel. Aqueles que foram expulsos, e aqueles que se planeja expulsar, não podem ser separados da pulsação da terra. Sem eles esta poeira não tem alma. Isto não é uma figura de linguagem, é um alerta muito grave.

Riad, que é professor de carpintaria, foi buscar seus desenhos. Estamos sentados no jardim da casa de seu pai. O pai está arando a terra com seu cavalo branco no campo logo à frente. Quando retorna, Riad traz os desenhos numa pasta tirada de uma gaveta de um arquivo de aço. Ele caminha lentamente e as galinhas saem do caminho ainda mais lentamente. Ele se assenta à minha frente e me entrega os desenhos um a um. Foram traçados com um lápis de grafite duro, de memória e com grande paciência. Traço a traço, à noite, após o trabalho, até que os traços

negros ficassem escuros como ele desejava e os tons de cinza ficassem prateados. Foram desenhados sobre grandes folhas de papel. Um desenho de uma jarra de água. Um desenho de sua mãe. Um desenho de uma casa destruída, janelas que davam para quartos que não existiam mais.

Quando eu finalmente coloquei os desenho de lado, um homem com o rosto de um camponês falou comigo: “Parece que você entende de galinhas”, diz ele. “Quando uma galinha adoece, ela pára de botar ovos. Não se pode fazer nada. Um dia, no entanto, ela acorda e vê que a morte se aproxima. Um dia ela percebe que vai morrer e o que acontece? Ela começa a botar novamente e nada, a não ser a morte, pode impedi-la de botar ovos. Nós somos como essa galinha”.

As barreiras funcionam como fronteiras internas impostas sobre os territórios ocupados, mas não se assemelham a qualquer barreira de fronteira. São construídas e operadas de forma a que todos os que passam sejam reduzidos ao *status* de refugiados indesejados. É impossível exagerar a importância de seu aspecto opressivo, utilizado como uma constante lembrança de quem são os vitoriosos e quem os conquistados. Os palestinos precisam se submeter, freqüentemente várias vezes no mesmo dia, à humilhação de assumir o papel de refugiados em sua própria terra. Todos os que atravessam têm de passar a pé pela barreira, onde soldados com armas carregadas em prontidão escolhem aleatoriamente aqueles que desejam verificar. Nenhum veículo pode passar. A estrada tradicional foi destruída. A nova “rota” obrigatória está cheia de rochas, pedras e outros obstáculos. Conseqüentemente, todos, até os saudáveis, precisam atravessar de forma cambaleante. Os doentes e idosos atravessam em caixas de madeira sobre quatro rodas (caixas usadas originalmente para transportar legumes no mercado), empurradas por jovens que ganham seu sustento nesta função. Entregam uma pequena almofada a cada passageiro para aliviar os solavancos e escutam suas histórias. Sempre conhecem as últimas notícias (as barreiras mudam a cada dia). Oferecem conselhos, lamentam e têm orgulho da pequena ajuda que oferecem. São quem mais se aproxima do coro em uma tragédia grega. Alguns transeuntes caminham com a ajuda de bengalas, outros com muletas. Tudo aquilo que estaria normalmente no bagageiro do veículo precisa ser transportado em fardos carregados nas mãos ou nas costas. Em uma noite, a distância para se cruzar uma barreira pode mudar de 300 até 1500 metros.

Os casais palestinos, com exceção de alguns jovens mais sofisticados, geralmente observam o decoro, mantendo certa distância em lugares públicos. Nas barreiras, os casais de todas as idades seguram as mãos ao atravessar, procurando apoio a cada passo e calculando o passo correto para se passar pelas armas apontadas — não rápido demais, pois a pressa pode gerar suspeitas — nem lento demais, pois a hesitação pode levar a um “jogo”, que trará distração para os guardas entediados.

Anecessidade de vingança de alguns (nem todos) soldados israelenses nada tem a ver com a crueldade que Eurípides descreveu e lamentou. Aqui o confronto não é entre iguais, mas entre os todo-poderosos e os aparentemente indefesos. Porém, este poder dos poderosos se vê acompanhado por uma furiosa frustração — a descoberta de que, apesar de todas as suas armas, seu poder tem um limite inexplicável.



Quero trocar alguns euros por shekels — os palestinos não têm moeda própria. Caminho pela rua principal, passando por várias lojas pequenas e, ocasionalmente, um homem sentado numa cadeira, onde, antes da invasão dos tanques, havia um passeio. Em suas mãos esses homens seguram maços de notas bancárias. Procuo um deles e digo que desejo trocar 100 euros (com esta quantia, é possível comprar uma pequena pulseira de criança numa das lojas que vendem ouro). Ele consulta uma calculadora de bolso e me entrega várias centenas de shekels.

Continuo caminhando. Um menino que, pela idade, poderia ser o irmão da menina com a pulseira de ouro imaginária me oferece chicletes. Ele vem de um dos dois campos de refugiados em Ramalá. Faço a compra. Ele também vende capas para os cartões magnéticos de identidade. Sua cara fechada sugere que eu devo comprar todos os chicletes. Assim faço.

Depois de meia hora, chego ao mercado de legumes. Um homem vende alho do tamanho de lâmpadas elétricas. Existem várias pessoas juntas. Alguém toca meu ombro. Me viro. É o cambista: “Faltaram 50 shekels. Aqui estão.” Eu pego as cinco notas de dez. “O senhor foi fácil de achar”, ele diz. Agradeço. A expressão em seus olhos me faz lembrar uma velha que encontrei no dia anterior. Uma expressão de grande atenção ao momento. Calmo e ponderado, como se pudesse ser o seu último momento. O cambista se vira e começa sua longa caminhada de volta à cadeira.

Encontrei a mulher idosa no vilarejo de Kobar. A casa era de concreto, inacabada e simples. Nas paredes da sala vazia havia fotos emolduradas de seu sobrinho, Marwan Barghouti. Marwan menino, adolescente, homem de 40 anos. Hoje ele se encontra numa prisão israelense. Se sobreviver, será um dos poucos líderes políticos do Fatah que precisam ser consultados para se chegar a um acordo de paz duradouro.

Enquanto tomávamos suco de limão e a tia fazia café, seus netos chegaram ao jardim: dois meninos de 7 e 9 anos. O mais jovem se chamava Pátria e o mais velho Luta. Corriam em todas as direções e paravam subitamente, olhando intensamente um para o outro, como se estivessem se escondendo atrás de algo e vigiando para ver se o outro tinha visto. Então corriam para outro esconderijo invisível. Uma brincadeira que inventaram e que brincavam várias vezes.

A terceira criança tinha seus 4 anos. Em seu rosto havia manchas vermelhas e brancas, como se fosse um palhaço, e ele ficava no canto, ávido, brincalhão como um palhaço, sem saber quando aquilo ia acabar. Ele estava com catapora e sabia que não deveria chegar perto de visitas.

Quando chegou a hora da despedida, a tia segurou a minha mão e, em seus olhos, havia essa mesma expressão especial de atenção ao momento. Se duas pessoas estão colocando uma toalha sobre a mesa, olham uma para a outra para verificar a colocação da toalha. Imagine que a mesa é o mundo e a toalha, as vidas daqueles que temos de salvar. Era assim a expressão do seu olhar.



John Berger é crítico de arte e ficcionista. Autor da trilogia *Terra nua*, *Bandeira e lils* e *Uma vez in Europa*.

Tradução de Charles Bacon
Este artigo foi publicado inicialmente em
The London Review of Books (www.lrb.co.uk).